

Construindo tradições: entre imigrantes, matutos e peões no “Rio Preto” de 1852-1927.

Lucas Perdigão PEREIRA*

Introdução

A proposta deste artigo é fazer uma reflexão a respeito das tradições inventadas na cidade de São José do Rio Preto, localizada no interior paulista, a partir de dois momentos: o primeiro envolve a construção imaginária da “Rio Preto” fincada em seus fundadores, sobre o julgo dos matutos que aqui chegaram para “fazer”¹ o pequeno povoado e enfrentaram constantes lutas contra “ferozes indígenas”, fruto da rota do comércio bovino, junto a produção alimentícia para a subsistência e posteriormente com a produção de café. O segundo, diz respeito às tradições formadas a partir de um grupo de pessoas dentro da própria cidade com a proposta de dar novas roupagens a São José do Rio Preto, principalmente após a extensão da estrada de ferro araraquarense até a cidade referida, em 1912 (CAMPOS, 2004).

Ao analisar os dois momentos vivenciados por São José do Rio Preto, buscarei verificar quais foram os símbolos construídos em meio a estas fases de mudanças nas tradições rio-pretenses, buscando responder a seguinte pergunta: como ficaram as tradições rio-pretenses após a tentativa de expurgar as tradições inventadas por meio do cotidiano dos primeiros migrantes da cidade junto à inserção de outras dentro do contexto social-histórico do período?

São José do Rio Preto tem seus primórdios fincados na segunda metade do século XIX. Sobre sua fundação constam algumas versões, porém a mais difundida é a da chegada de mineiros, reflexo do fracasso de antigas áreas de mineração (PERINELLI NETO, 2010, p.56). Foi neste contexto que vários grupos de migrantes mineiros se

* Professor de História do Ensino Público do Estado de São Paulo. Membro do Centro Interdisciplinar de Estudos Regionais (CIER) e do Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (CLADIN), do Laboratório de Estudos Africanos Afro-Brasileiros e da Diversidade (LEAD) e do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (NUPE), todos na mesma faculdade já mencionada. Atualmente desenvolvo pesquisa pelo (CIER) sobre História da Educação em São José do Rio Preto.

¹ - Este “fazer” proposto no texto está ligado a um fazer simbólico, dos espaços, das tradições, da imagem de um grupo. É a partir dele podemos verificar a construção identitária do rio-pretense, fincado no imaginário de seus fundadores, envolto de mitos e uma base religiosa, a qual dará o suporte imaterial para o grupo se perpetuar em meio aos limites de São José do Rio Preto.

deslocaram por várias regiões e fundaram várias cidades pelo então sertão paulista, como é o caso de Uberaba Uberlândia e Araguari.

As terras do patrimônio de São José que deram origem à cidade foram doadas para a Igreja por Luiz Antônio da Silveira e sua mulher, Dona Tereza Francisca de Jesus, por escritura particular de 19 de março de 1852, lavrada em Araraquara (BRANDI, 2002, p.138). A existência de um povoado localizado onde seria erguida a cidade de São José do Rio Preto encontra-se no diário do Visconde Taunay, escrito em 1967, após seu retorno da guerra do Paraguai:

Pousamos, por causa da grande tormenta, na única casa do arraial coberta de telha, pertencente ao Sr. João Bernardino de Seixas Ribeiro [...]. A povoação consta de meia dúzia de palhoças abandonadas, na ocasião do recrutamento, por todos os habitantes que, com exceção do subdelegado, que era o próprio recrutador, haviam fugido para as matas e pontos em que se tornasse possível a exigência do serviço das armas. Há uma igreja em construção, e cremos que por muitos anos fique neste estado, quando não se arruine totalmente (TAUNAY. *Apud* CAVENACHI, 2003, p.157)

Taunay deixa claro a existência de um pequeno povoado nesta região do interior paulista, último pondo de colonização e desbravamento. Esta cidade por muitos anos ficou conhecida como “boca do sertão” “local sem lei”; tal imaginário foi construído pelo fato de existir grupos indígenas nestas regiões e, por vezes, casos de mortes e tiroteios existentes na cidade (CAMPOS, 2004; SILVA, 2009; CAVENACHI, 2003). Sobre a construção deste imaginário debateremos mais adiante.

Porém, a realidade rio-pretense começa a mudar em 1912, tendo em vista que os trilhos da estrada Araraquarense² alcançam esta cidade. A partir daí seria mais rápido o contato com a capital e o escoamento de produtos também se intensificaria. Durante os anos que se seguiram, a cidade aumentou em extensão e produção, principalmente de café, produto de alto valor de mercado neste período (SILVA, 2009, p.30). Além disso,

² -A chegada da estrada de ferro Araraquarense foi muito festejada e comentada pelos rio-pretenses, ela representaria o contato de São José do Rio Preto com a capital, isso proporcionaria uma nova dinâmica social por este grupo. Os produtos que antes eram comercializados a lombo de mulas com alto custo devido os enormes perigos, todavia era corriqueiro emboscadas no decorrer desta travessia, agora mudaria com a estrada de ferro, o tempo ficaria cada vez mais reduzido e o contato alargado.

houve a chegada deliberada de pessoas, fruto do loteamento de terras destinado a colonizar o espaço, bem como o aumento do comércio.

Dentre essas pessoas, temos um intenso número de imigrantes de vários países: Portugal, Espanha, Itália, Libanês, Sírios, dentre outros. Estima-se que 3,8 milhões de estrangeiros entraram no Brasil entre 1887 e 1930 (FAUSTO, 1998, p.36). Silva (2009, p.128-212) vai chamá-los de “os de fora” e tenta mostrar a influência destes povos na formação e no crescimento de São José do Rio Preto. Já CAMPOS (2004, p.127-151) busca analisar quais meios foram utilizados para inseri-los como grupos pertencentes a cidade e dotá-los da noção de brasilidade, tarefa que acabava sendo realizada pelas escolas. Todos esses fatores contribuem para a mudança das tradições rio-pretense.

As tradições antigas

O termo antigo aqui empregado não está relacionado a nenhum conceito pejorativo, mas sim a indicação antecessor a mudanças futuras, em meio ao contexto social rio-pretense. Quando observamos as tradições construídas por meio do cotidiano dos primeiros grupos da frente pioneira³ veremos que elas estão intimamente ligadas as ações que estes grupos tinham para a sua sobrevivência em meio a um local ainda desprovido de infra-estrutura, como retrata Oswaldo Tonello, um dos antigos moradores de São José do Rio Preto e também celebre memorialista:

[...] notei, de fato, que o apelido Boca do Sertão, como era conhecida naqueles idos tempos, tinha razão de ser [...] pouco policiamento, havia muita liberdade para alguns bandoleiros, que faziam suas arruaças [...]Faziam se comuns as tocaias [...]” (TONELLO, 2006, p.25).

As falas de Oswaldo Tonello são completadas por Campos:

[...] difundia-se a idéia de que os homens da *Araraquarense* seriam os herdeiros morais dos primeiros “heroes de S. Paulo” (bandeirantes), já que estes não apenas expandiram as fronteiras estaduais, derrubando as últimas

³ - Para Pierre Monbeing a frente pioneira se caracterizou pelos avanços sucessivos de cidades, culturas e vias de comunicação criando uma zona pioneira responsável pelo contato entre as regiões de povoamento antigo e o sertão a ser desbravado MONBEING. *Apud* PERINELLI NETO; NARDOQUE; MOREIRA, 2010, p 30.

florestas existentes, expulsando índios selvagens e ferozes com suas *Winchersters* no mesmo ritmo em que punham abaixo os resquícios da natureza selvagem [...] (2007, p.71).

Em meio a estas duas falas, tanto a do memorialista quanto a da historiadora, podemos perceber detalhes riquíssimos para a compreensão da lógica social deste grupo. No cotidiano percebemos uma base identitária fincada nos grandes heróis paulistas, os desbravadores bandeirantes, os quais expandiram as fronteiras em meio a lutas pelo domínio e sobrevivência. Estar ligado aos bandeirantes seria um meio de se igualar à bravura e coragem que demonstravam nas grandes expedições pelo território brasileiro e na luta por sua sobrevivência em meio a um local pouco conhecido.

Sem contar que a luta pela sobrevivência de tais moradores se estendia para além de choques com grupos de índios, mas também nas disputas por lotes de terras, roubos de gado⁴, algo corriqueiro no desenrolar da formação da cidadela (CAMPOS, 2004, p.35).

O uso de armas era uma constante para esta população, visto no período como objeto de proteção local, por meio deste fácil acesso a elas gera inúmeros feridos e mortos, devido às discussões corriqueiras.

São José do Rio Preto recebia muitos “forasteiros” para morar ou mesmo só de passagem, como era o caso de muitos boiadeiros. A cidade ficava na rota de passagem da estrada boiadeira, construída em 1906 com a finalidade de escoar as boiadas que vinham das regiões de Mato Grosso, Goiás e Minas Gerais rumo à Barretos para serem abatidos (PERINELLI NETO, 2010, p.73). Nessas paradas para descanso das boiadas aos arredores das cidades, os peões se dirigiam até o centro do comércio, visto que era necessário repor os alimentos para continuar a viagem e para se divertir um pouco, neste *interim* surgia inúmeros conflitos, os quais alguns acabavam até em morte.

O cotidiano local dita as regras deste povo, reafirmando o imaginário das pessoas que viviam fora de São José do Rio Preto e mantinham cada vez mais o *status* de “Boca do Sertão”, “local sem lei”, principalmente porque a população local tinha

⁴ - Em recente pesquisa no jornal *A notícia* um grande jornal de circulação em São José do Rio Preto no decorrer da década de 1920, foi possível observar vários artigos no jornal o qual destacava casos de roubo de gado e mortes por disputa de terra.

pouco recurso financeiro para a manutenção das urbes e um número pequeno de policiais para manter a ‘ordem’ na cidade (BRANDI, 2002).

Ao analisar todos os fatos ditos anteriormente é perceptível que a “construção do cotidiano” da sociedade rio-pretense nos anos posteriores a sua fundação, 1852, até a primeira década de 1910 se desenvolve a partir de um único fator essencial para a população, sua sobrevivência.

Nesta mesma sociedade havia grande contato com práticas indígenas – o curandeirismo – único meio para curar-se de algum malefício adquirido em meio a este sertão (CUNHA, 2004, p.117), administravam uma produção agrícola de pequeno porte, na maior parte das vezes para consumo local.

Já o café, produto de destaque na primeira década de 1900, contava com poucos adeptos, e a pecuária estava em plena expansão. Tudo isso mantido por uma forte tradição oral, imperante em tais grupos sociais (THOMPSON, 1992).

Será esta frente pioneira a responsável pela formação do interior paulista, ela levava a combinação de etnias, culturas da junção de vários continentes, ocorridos de maneira impar em nossa sociedade. E em meio a está bricolagem (RIBEIRO, 1999) de etnias e culturas garantirá a formação de um povo híbrido (FREYRE, 1987; CANCLINI, 2003) por excelência, transfigurado no que somos hoje.

A procura de um novo cotidiano

No final do século XIX e início do XX, o Brasil passa por inúmeras mudanças: a instauração do governo republicano e, com ele, um novo parâmetro social, baseado nos modelos eurocêntricos. Assim, o século XX ficaria marcado por mudanças profundas na sociedade, tanto no âmbito científico quanto tecnológico (SEVCENKO, 2002). Isso sem contar com o avanço da economia cafeeira, incentivado pela política governamental (PRADO JUNIOR, 1994).

Ainda referente às mudanças do período destacamos:

- o movimento sanitarista e o desenvolvimento de novos remédios;
- inovações tecnológicas para melhor manter a higiene do lar, como é o caso do desenvolvimento de descarga automática e vaso sanitário (CAMPOS, 2004, p.28);

- modernos veículos, como é o caso dos grandes modelos Ford;
- difusão do processo de pasteurização e esterilização;
- movimentos de renovação não só nas artes plásticas, mas também música, literatura em geral;
- leis e práticas voltadas à educação.

Um dos marcos para a inserção de São José do Rio Preto rumo ao tão sonhado progresso foi à extensão da estrada de ferro Araraquarense. Por meio dela a dinâmica social da cidade muda, devido o fácil acesso à capital, o fluxo de mercadorias, produtos e pessoas aumentam consideravelmente, bem como circulam novas idéias, muitas delas vindo com os imigrantes de várias regiões da Europa (CAMPOS, 2004).

O bombardeamento de valores e idéias vindos da Europa será amplamente incentivado pela política local, principalmente porque estavam atrelados aos valores republicanos, disseminadores de tais práticas (SEVCENKO, 1989).

Uma das medidas tomadas foi a adoção das práticas positivistas e toda a ideologia construída a seu redor, inventando para a urbes novas tradições e, com elas, tentando apagar as antigas ou lhes dar um novo sentido. Essas tradições serão fincadas a partir de

[...] um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1984, p.10).

Assim, a elite rio-pretense construirá meios para introjetar na população os novos padrões sociais, mesmo que para isso usasse de formas coercitivas. Para por a ‘ordem’ na cidade de acordo com os padrões europeus da época, tão em voga nas grandes cidades do Estado de São e em particular na sua capital, será feita toda uma mudança no espaço físico e social.

Proliferarão em São José do Rio Preto os postos de higiene e consultórios médicos; as santas-casas e os bancos; os escritórios de advocacia e os cinemas; os teatros e os grupos escolares; os hotéis e as cadeias públicas, as praças recentemente

erigidas e os salões de beleza, as ruas estrategicamente traçadas e a iluminação elétrica, as lojas inspiradas nas capitais europeias e as agremiações culturais (CAMPOS, 2007, p. 50)

Em relação aos padrões estruturais urbanísticos foi feito o alinhamento e a formação de quadras; tal modelo representava o clássico “tabuleiro de xadrez”, que é fruto da tentativa de se criar na cidade elementos suficientes para revelar uma ocupação ordenada e, assim, refletir na mentalidade cotidiana aspectos condizentes com a sua concretização como urbe” (CAVENACHI, 2003, p.161).

Todo esse emaranhado de novos valores veio se chocar com as tradições antigas da população. Como é o caso das práticas indígenas amplamente combatidas nesse momento histórico, em prol da “verdadeira ciência”. A medicina contestará tais práticas vista como curandeirismo. Os médicos ganharam um prestígio social grande dentro desta cidade, que lhes permitia invadir até mesmo a vida dos cidadãos comuns. Em alguns artigos publicados no jornal, o médico Floriano de Lemos lembrava da importância de estarem em roupas impecáveis (CAMPOS, 2004).

Neste *ínterim*, São José do Rio Preto vai passar por forte ação com o intuito de criar normas e regras a serem seguidas, junto a forte ação policial. Podemos destacar a lei criada pelo intendente Emigdio de Oliveira Castro, que obrigava todos os proprietários ou inquilinos, residentes em terrenos das ruas centrais a limparem seus terrenos convenientemente, todos os anos no início do mês de maio, estabelecendo multa de 10\$000 por terreno (SILVA, 2009). Também passavam a constar restrições em relação ao uso dos lugares públicos: não era permitido atar animais nas portas, janelas, árvores ou sobre os passeios, além de galopar no perímetro urbano.

Interferiam até mesmo nos jogos exercidos dentro da urbes, uma vez que somente era permitido aqueles que possibilitavam o desenvolvimento do indivíduo, tanto física quanto intelectualmente, caso de: xadrez, dominó, bilhar, futebol. Explica-se assim o combate dos jogos mais habituais da população local, como é o caso do truco, bocha, etc. (SILVA, 2009).

A educação foi outro aspecto amplamente difundido dentro de São José do Rio Preto, fruto da ampliação do sistema escolar brasileiro, tinha como iniciativa construir um grupo mais intelectualizado e também um forte nacionalismo.

Todavia o Brasil tinha um grande numero de imigrantes, com a sua inserção dentro das escolas aprenderiam cultos a símbolos valorizadores da nação brasileira e aprenderiam o português, tudo isso para desenvolver nestes grupos um sentimento de nacionalismo forte (CAMPOS, 2004).

A partir dessas medidas impostas dentro de São José do Rio Preto promoveram uma ampla exclusão social, na qual somente a elite rio-pretense teria maior acesso e condições para se inserir neste novo contexto. O que de certa forma somente foi um espelho do que ocorreu durante a adesão das medidas emitidas no transcorrer da primeira Republica (SEVCENKO, 1989).

Essas novas tradições produzidas no seio rio-pretense tentaram mudar a visão do passado “boca do sertão”. Cavenachi (2003) ao analisar uma foto exposta duas vezes em momentos diferentes no Álbum Ilustrado da Comarca. A primeira exposição ocorreu em 1918-1919 e a foto foi usada para ilustrar como era a cidade, corroborando a história da urbe narrada. Já a segunda publicação se deu em 1929 e “serviu para ilustrar o passado a ser esquecido, algo a ser negado diante das perspectivas de “progresso” e “civilização” desenvolvidas para a cidade” (CAVENACHI, 2003, p.167).

Quando analisamos com uma maior profundidade tal mudança, proposta por Cavenachi, novas questões se apresentam, como embate entre valores fincados nas tradições orais e a tentativa de sobrepô-los com a escrita (característica da cultura positivista). Neste caso não sobrepomos simplesmente um método de apresentação da tradição construído por um grupo, mas o meio pelo qual esse grupo vivencia suas ações.

É perceptível uma forte tentativa de apagar uma memória passada, construindo uma nova, todavia por meio da memória reproduz-se as experiências vividas pelos depoentes (HALBWACHS, 1990) que no desenvolvimento da cidade rio-pretense abrangiam vários contextos, como afetivo, político, econômico, religioso, descartada por não vincular com a realidade proposta para o futuro da urbes.

O ‘velho’ e o ‘novo’ revisitado

Quando aprofundamos nossos olhos sobre este emaranhado de acontecimento em São José do Rio Preto, na qual temos tradições sobrepostas para garantir um novo *status*, são construídos novas bases que iram fundamentar o grupo, as tradições antigas

vão sendo recriadas com o intuito de apagar o passado ou em alguns casos reinventá-lo. Porém, o passado não pode ser apagado, tais memórias não desaparecem. Para isso seria necessário acabar com todos aqueles do grupo ou que mantiveram contato.⁵

Posto em prática, o que ocorreu na sociedade rio-pretense foi a ambivalência do ‘velho’ e do ‘novo’, todavia as sociedades modernas cada vez mais estão em meio a uma liquidez muito grande de culturas, de identidades, do cotidiano; uma tradição não impera sozinha, mas será vivenciada em meio a aspectos contidos no passados misturados com aqueles construídos no presente, na qual pode se apresentar em maior ou menor quantidade, de acordo com o grupo vigente (BAUMAN, 2001).

Assim a população de São José do Rio Preto ao entrar em contato com estas ‘novas’ tradições inventadas por uma elite local fará “como a habilidade do motorista nas ruas de Roma ou de Nápoles, uma mestria que tem seus peritos e sua estética se exerce no labirinto de poderes, recria sem cessar opacidade e ambigüidade [...] aí se perde e aí encontra sem precisar assumir a gestão de uma totalidade” (CERTEAU, 1998, p.79).

Neste contexto encontramos diversos focos de resistência, não de maneira integral, se em um primeiro momento o estranhamento causa repulsa a estes novos elementos, vemos um conformismo-conformação (CHAUÍ, 1989), na qual mesmo o grupos mais resistentes começam a aderir a alguns valores suplantados pela elite local, tais como melhorar a higiene pessoal e do local onde mora, ver na escola um espaço importante, freqüentar os centros de saúde, ou mesmo o uso de animais no interior da cidade, porem não se desprendendo integralmente se suas antigas tradições.

Uma das grandes reinvenções feitas por este povo esta ligado ao mito do Bandeirante, dito anteriormente, ele vai ser recriado de tal forma que se distâncie daquela idéia pregada pelos paulistas, o qual tinha como proposta a idealização de um povo superior, em relação ao restante dos brasileiros. Aqui o mito Bandeirante sofre alterações com a proposta de unir todos os que tinham a intenção de trabalhar para o progresso do país e a reboque São José do Rio Preto (CAMPOS, 2007).

⁵ Como ocorreu no extermínio dos guerreiros Hilotas pelos Lacedenômios no ano de 423 a.C⁵ em meio a guerra do Peloponeso, e mesmo assim ficaram vestígios de memória (VIDAL-NAQUET, 1988).

Conclusão

Quando analisamos a história do Brasil, emitidas por grandes historiadores - como é o caso de Sergio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior, Boris Fausto dentre outros mais – responsáveis por grandes obras visando compreender os acontecimentos históricos no país, percebemos que por mais empenho que tiveram, não conseguiram dar a total dimensão dos fatos que ocorreram em cada canto do Brasil e dificilmente surgirá alguém que possa fazer isto.

O Brasil é vivido por micro-espacos e reinventado nestes micro-espacos de uma maneira única. Assim observamos o interior paulista um local ainda pouco pesquisado e com suas características singulares de “ser”, a qual construiu no decorrer de sua história, reinventando espacos no decorrer de sua expansão territorial. Neste contexto

São José do Rio Preto se insere de maneira pontual sendo um grande marco dentro do interior paulista e em sua história vivencia estas “invenções de suas tradições”, sendo elas recriada no seio da população local, o que da uma característica impar a população rio-pretense, todavia será recriada ao seu modo.

Bibliografia:

- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BRANDI, A. **São José do Rio Preto: 1852-1894**. Rio Preto: Ed. Rio-pretense, 2002.
- CAMPOS, Raquel Discini. **A “princesa do sertão” na modernidade republicana: urbanidade e educação na Rio Preto dos anos de 1920**. São Paulo: Annablume, 2004.
- _____. **Mulheres e crianças na imprensa paulista (1920-1940): representação e história**. Tese de Doutorado- UNESP, Araraquara, 2007.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CAVENAGHI, A. J. São José do Rio Preto fotografado: imagética de uma experiência urbana (1852-1910). In **Revista Brasileira de História**. São Paulo: vol. 23, nº 46, pp. 147-169, 2003.
- CHALHOUB, S. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

- CHAUÍ, M. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil, São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FAUSTO, B. **História do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1998.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- GIDDENS, A. BECK, U. LASSH, S. **Modernização reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora UNESP, 1997.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBBSBAWN, E; RANGER, T. (org). **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- PERINELLI NETO, H; NARDOQUE, S; MOREIRA, V. J. (org). **Nas margens da boiadeira**: territorialidades, espacialidades, técnicas e produções no Noroeste paulista. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- PRADO Jr, C. **História econômica do Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão**: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. O Prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: SEVCENKO, N. (org). **História da vida privada no Brasil – república: da belle époque à era do rádio**. Vol. 3, São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- SILVA, H. M. **Conflito na elite**: a transformação dos grupos de poder de São José do Rio Preto na primeira República velha (1894-1930). Tese de Doutorado - UNESP, Franca, 2009.
- THOMPSON, PAUL. **A voz do passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- TONELLO, O. **Memórias de São José do Rio Preto**. São José do Rio Preto: [s.n.], 1998.
- VIDAL-NAQUET, P. **Os assassinos da memória**: “um Eichmann de papel” e outros ensaios sobre o revisionismo. Campinas: Papyrus, 1988.